



A ORAÇÃO

VICARIATO AGOSTINIANO NOSSA SENHORA DA
CONSOLAÇÃO DO BRASIL

agostinianos.com

(3)

A ORAÇÃO

O recanto da oração é a interioridade e tem um acentuado caráter de diálogo. *“Tua oração é tua conversação com Deus. Quando lêes, Deus te fala; quando tu rezas, falas com Deus”* (Comentários aos Salmos 85,7). O primeiro a se fazer é ouvir a Deus, recolher-se, encontrar-se. É o retorno a interioridade onde espera e tem sua cátedra o Mestre interior. Lá está Deus, lá mora, desde lá nos conduz (Comentários aos Salmos 41,1-9; Tratados sobre o Evangelho de São João 20, 11-21).

Santo Agostinho elaborou uma doutrina muito conhecida a respeito do Mestre interior, Jesus Cristo. *“Por isso, voltai ao vosso interior e, se sois fiéis, achareis lá a Cristo; Ele ali nos fala. Eu o chamo, só que Ele ensina melhor no silêncio. Eu falo com o som da linguagem. Ele fala inteiramente pela calma do pensamento”* (Sermão 102,2). Uma dessas orações simples e essenciais que deve caracterizar nosso diálogo continuado com Deus. Está manifestada assim por Santo Agostinho: *“Dá quando ordenas e manda quando quiseres”* (Confissões 10,37,60). É a convicção do “mendigo de Deus”, que reconhece suas limitações e, ao mesmo tempo, sabe o que pode realizar com a presença e a ajuda do amor de Deus.

Sendo Deus o pólo de magnetismo do coração humano (Confissões 1,1,1), o único que devemos pedir em toda oração é o próprio Deus. E, a partir do diálogo com Ele, buscar seu rosto na história, ler os acontecimentos diários com os olhos de quem acredita, espera e ama. O critério esclarecedor da vida cristã é o amor. Amor a Deus e amor ao homem como Deus o ama. *“Em que devemos nos exercitar enquanto estivermos neste mundo? No amor fraterno. Tu podes me dizer que não vês a Deus; porém, podes me dizer que não enxergas os homens?”* (Tratados sobre a primeira Carta de São João 5,7).

O tratado a respeito da oração é inseparável ao da interioridade. Não é possível a oração sem a interioridade e não é possível a interioridade sem o recolhimento, sem o silêncio que nos livra do cerco barulhento que nos envolve e de nosso próprio mundo, por vezes, tumultuado.

Para que não seja só a voz a que louve, mas também o sejam as obras (Cf. Comentários aos Salmos 149,8), pois Deus aplica o ouvido ao coração de quem o louva (Cf. Comentário aos Salmos 146,1-3;lb. 118 s.5lb. 102,2), o ser humano haverá de viver numa atitude de escuta. Assim, a oração pode ser definida como diálogo que estimula a mudar o coração, as raízes da própria vida. *“Na oração há lugar para uma conversão do coração a Deus, o qual sempre está*

disposto a ajudar-nos contanto que nós estejamos dispostos a receber o seu auxílio” (O Sermão da Montanha 2,314).

Este aspecto renovador da oração cristã é uma das ideias preferidas de Santo Agostinho. *“O fato de falar muito na oração é mais apropriado aos gentios que aos cristãos, porquanto se preocupam mais em exercitar a língua que purificar o coração”* (O Sermão da Montanha 2,3,12). Entende-se, desta forma, que a oração não pode reduzir-se a uma experiência externa, a um lampejo emocional, posto que é um brado do coração. Ninguém poderá duvidar que é vão o clamor elevado a Deus pelos que rezam, se o manifestam pelo som da voz corporal sem antes ter elevado o coração a Deus. (cf. Comentários aos Salmos 118,29,1).

Quando a vida não passa pela oração, intumescem-se as atitudes das pessoas e fecha-se a passagem aos apelos do Espírito. A oração, nesse caso, não é uma experiência vivificante de conversão, e sim uma confusão de palavras. *“Para louvar a Cristo não sejas barulhento com as vozes e mudo com as obras”* (Sermão 88,13,12).

Bibliografia:

Cf. Fraternidade Agostiniana Leiga. **A caminho com Santo Agostinho**. Publicações Agostinianas. Roma 2001.

Coordenador de estudo: Alessandro Antonio de Moura